

Fora PM!

STU apoia a ocupação da reitoria da Unicamp

Sindicato também reivindica a construção de uma proposta alternativa de segurança que não inclua a presença da Polícia Militar

Estudantes ocupam desde a última quinta-feira (3) o prédio da reitoria da Unicamp em protesto contra a entrada da Polícia Militar nos campi da Universidade. A ocupação ocorreu logo após uma assembleia convocada pelo Diretório Central Estudantil (DCE) com a participação de mais de 600 estudantes.

Durante a assembleia, o plenário também definiu uma pauta de reivindicações que inclui, além da saída da PM, a não punição dos estudantes que participam do movimento de ocupação, a retirada imediata das sindicâncias contra os organizadores de festas nos campi, a construção de uma proposta alternativa de segurança e vivência nos campi e a discussão dessa proposta em uma audiência pública democrática, com poder real de decisão às três categorias da comunidade acadêmica.

A entrada da PM nos campi da Universidade foi anunciada pela rei-

toria em entrevista realizada no final de setembro, depois que o estudante Denis Papa Casagrande, aluno do curso de Engenharia de Controle e Automação, foi morto durante uma festa realizada no campus de Barão Geraldo no dia 21/09. A medida foi tomada de forma unilateral, sem consulta prévia às instâncias decisórias da Universidade e sem qualquer debate com a comunidade universitária.

Na ocasião, o STU se posicionou contrário à presença da PM na Universidade e cobrou da reitoria a responsabilidade na criação de instrumentos de participação da comunidade acadêmica na elaboração de políticas de segurança, a contratação de mais profissionais de vigilância por meio de concurso público, o fim das terceirizações e a adoção de uma política de segurança que se preocupe em garantir a integridade de toda a comunidade universitária e não apenas do alto escalão da reitoria.

Da mesma forma, o STU apoia a ocupação da reitoria pelos estudantes e sua pauta de reivindicações por entender que a Polícia Militar está longe de ser sinônimo de segurança. Especialmente após as mobilizações de junho, as PM de todo o país têm sido apontadas por amplos setores da sociedade como responsáveis por diversos crimes e abusos contra a população, especialmente moradores das periferias, jovens negros e trabalhadores em luta. Como ocorreu nas últimas semanas com os professores da rede municipal do Rio de Janeiro, cujo movimento de greve foi duramente reprimido.

O sindicato também repudia o pedido de reintegração de posse feito pela reitoria antes de qualquer diálogo com os estudantes e a nota emitida pela Universidade sobre a ocupação na última sexta-feira, que tenta deslegitimar o movimento. Fora PM do campus!

Próximas reuniões de unidade para organizar o XII Congresso dos Trabalhadores da Unicamp

8/10 (hoje):

9h - IFCH (escadaria em frente ao setor de publicações)

15h - FEQ (sala de reuniões do bloco A)

21h30 - CAISM/PATOB e Alojamento (sala de reuniões do 1º andar)

9/10 (quarta-feira):

8h30 - Raio X HC

11h30 - HC/Eletrocardio (local a confirmar)

14h - IEL - CL09

10/10 (quinta-feira):

9h30 - CAISM/Área administrativa (prédio ad-

ministrativo, na sala reuniões do RH)

11h - CAISM/hospital (subsolo, sala de aula 1)

15h - CAISM/hospital (subsolo, sala de aula 2)

11/10 (Sexta-feira):

11h30 - HC/SEAAS (entrada da escolta, 5º andar)

14h30 - CECI/MATERNAL (quiosque)

Funcamp se recusa a negociar com comissão de trabalhadores eleita pela base

Em ofício encaminhado ao STU no último dia 30/09, o diretor presidente da Funcamp, prof. Paulo Barbosa, recusou o pedido de reunião com a comissão de trabalhadores eleita pela base durante a Campanha Salarial deste ano. O pedido havia sido protocolado pelo STU no mês passado, depois que a reitoria da Unicamp deu por encerradas as reuniões sobre o tema e disse que as negociações deveriam ser encaminhadas junto à diretoria executiva da fundação a partir da eleição de uma comissão de trabalhadores da Funcamp.

Existência da comissão precisa ser “validada” pelo Seaac

De acordo com o ofício assinado por Barbosa, as questões relacionadas às condições de trabalho na Funcamp

são negociadas apenas com o sindicato que juridicamente representa os funcionários: o Seaac.

Ainda segundo Barbosa, a diretoria executiva da Funcamp “não se opõe em hipótese alguma ao estabelecimento do diálogo com uma comissão, que legitimamente, represente seus trabalhadores”, desde que o Seaac “valide” o referido grupo.

A postura da reitoria e da direção da Funcamp evidenciam um jogo de empurra enquanto os problemas enfrentados pelos trabalhadores continuam. Importante lembrar que os próprios servidores da Funcamp questionam a representatividade e atuação do Seaac e que um processo judicial movido pela categoria reivindica que o STU se torne o representante legal também dessa parcela dos trabalhadores dentro da Unicamp. A ação aguarda julgamento no Tribunal Superior do Trabalho.

Democracia universitária

STU também apoia a greve estudantil e ocupação da reitoria da USP

Em resposta à sessão do Conselho Universitário (CO) realizada no dia 1º de outubro, que refutou a proposta de eleições paritárias e aprovou uma série de mudanças que reverterem o caráter antidemocrático do processo de escolha do reitor da Universidade, os estudantes da USP ocuparam a reitoria para reivindicar eleições diretas para reitor, votação paritária entre as três categorias (alunos, funcionários e professores) e fim da lista tríplice. À noite, reunidos em assembleia geral, os estudantes também decidiram entrar em greve por tempo indeterminado.

O movimento acontece três meses depois de o reitor João Gran-

dino Rodas ter anunciado uma reforma estatutária para alterar o modelo de eleições para o cargo de reitor. Entretanto, a despeito do que havia sido divulgado e das reivindicações históricas dos estudantes, funcionários e professores daquela Universidade, o CO aprovou, a portas fechadas, um modelo de consulta sem caráter decisório, sem paridade e sem extinção da lista tríplice – a exemplo do que acontece atualmente na Unicamp.

Esse modelo não aponta no sentido de democratizar a estrutura da Universidade. Ao contrário, só contribui para mantê-la sob a administração de uma minoria de pessoas ligadas ao Governo do Es-

tado e ao PSDB.

O STU, que também luta pela implementação de eleições diretas para reitor na Unicamp, apoia a mobilização dos estudantes da USP.

O sindicato entende que o estatuto daquela Universidade, assim como o da Unicamp, mantém resquícios do tempo da ditadura militar e precisa ser urgentemente reformado, com a ampla participação da comunidade universitária. Somente com a democratização da Universidade será possível mudar efetivamente seus rumos e resistir ao processo de sucateamento e privatização imposto pelos sucessivos governos do PSDB.